

# O TABULEIRO DE ACARAJÉ COMO ESPAÇO DE ENFRENTAMENTO IDEOLÓGICO ENTRE AS PRÁTICAS AFRO-BRASILEIRAS E EVANGÉLICAS

Roberta Rosa Portugal

UEPB - Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Letras e Artes  
robertauefs@gmail.com

Antônio Wilson Silva de Souza

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Artes  
antoniowilsonsilv@gmail.com

## Resumo

O objeto de análise deste estudo é o tabuleiro de acarajé e o nosso intento é refletir sobre o processo de produção de sentidos, a partir da análise de fotografias que mostram a filiação ideológica do tabuleiro às práticas afro-brasileiras e evangélicas. A análise será efetuada segundo a perspectiva dos estudos culturais, linguagem visual e Análise do discurso, mas porá ênfase no aspecto gráfico, visto que nos dará suporte teórico para interpretar a variação da configuração gráfica do tabuleiro e permitirá comprovar a influência de interpelações ideológicas nessa mutabilidade visual.

**Palavras-chave:** tabuleiro, deslizamento de sentidos, variação gráfica.

## Resumen

El objeto de análisis de este estudio es el tablero de comidas típicas en Bahía y nuestro propósito es reflexionar sobre el proceso de producción de sentidos, a partir del análisis de fotografías que muestran la afiliación ideológica del tablero a las prácticas afro-brasileñas y evangélicas. El análisis se realizará en la perspectiva de los estudios culturales, lenguaje visual y Análisis del Discurso, sin embargo pondrá énfasis en el aspecto gráfico, puesto que nos dará soporte teórico para interpretar la variación gráfica del tablero y permitirá comprobar el influjo de interpelaciones ideológicas en su mutabilidad.

**Palabras clave:** tablero, deslizamiento de sentidos, variación gráfica.

## 1 Palavras iniciais

Nesta discussão analisaremos o tabuleiro da baiana de acarajé enquanto instrumento, cuja configuração gráfica é interpelada por ideologias afro-brasileiras e evangélicas. Para fundamentar a discussão e a análise das imagens exibidas a seguir, apresentaremos alguns pressupostos teóricos dos estudos sobre linguagem visual, estudos culturais e Análise do

discurso, de linha francesa<sup>1</sup>, que são de grande importância para compreender este processo de interpelação por posições ideológicas antagônicas que provocam variações na configuração do tabuleiro. Este texto é mais um trabalho realizado com base nos dados examinados na nossa pesquisa de mestrado<sup>2</sup>, reiterando, deste modo, o nosso interesse em seguir analisando o tabuleiro da baiana de acarajé, posto que compreendemos a sua complexidade.

O que nos motiva a escrever este texto é o fato de percebermos que o tabuleiro, tradicionalmente inscrito em ideologias afro-brasileiras, vem por meio da atuação de pessoas evangélicas, rompendo com essa identificação cultural. Os evangélicos criam outros tipos de tabuleiros, usam outros objetos que cumprem sua função e que são graficamente diferentes do tabuleiro reconhecido como tradicional.

## **2 Princípios teóricos**

Análise do discurso (AD), segundo o olhar de Orlandi (2001), é uma disciplina de interpretação que entende a língua enquanto prática social e tem como objetivo questionar o espaço do simbólico, do real da língua, dado que ela resulta da relação entre sujeito e sociedade.

Ao definir o campo de atuação da AD, Orlandi (2001, p. 16) diz que língua é trabalhada como “maneiras de significar” e que deve ser estudada em sua relação com exterioridade. Nesta acepção, relaciona-se Linguística e Ciências Sociais no sentido de construir o objeto de estudo da AD, o discurso, que é conceituado como “efeito de sentidos entre interlocutores” (Id., p.21). Este conceito, segundo explica, parte da sua concepção de que a língua não é apenas transmissão de informação, mas sim, constituição dos sujeitos e dos sentidos. Nesta acepção, cabe ao analista do discurso analisar a língua – o tabuleiro – como manifestação dos sujeitos e dos sentidos.

Nos estudos da AD o sujeito é sempre interpelado por um já-construído, é sempre resultado de já-ditos que estão emaranhados numa rede de memórias, ou seja, ele é

---

<sup>1</sup> É interessante assinalar que a Análise do Discurso não foi eixo teórico e analítico da pesquisa de mestrado, tampouco dos textos já publicados sobre o assunto. Neste sentido, apontamos que essa discussão apresenta uma reflexão objeto-teoria não antes realizada em nossos estudos.

<sup>2</sup> Nossa pesquisa de mestrado intitulada *O Tabuleiro de Acarajé: Registro e Memória Visual na Cidade de Feira de Santana*, está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, e pode ser acessada neste link: [http://www2.uefs.br:8081/msdesenho/?page\\_id=32](http://www2.uefs.br:8081/msdesenho/?page_id=32). A dissertação foi defendida em 2011.

interpelado pela história, pela ideologia e pelo inconsciente (ORLANDI, 2001). Isto implica em colocar que os dizeres não são entendidos enquanto origem, mas sim, como efeito desse atravessamento. Esse pressuposto teórico é de grande relevância para analisarmos a escolha do modelo do tabuleiro pelas baianas de acarajé como modo de expressar sua filiação ideológica. Parece-nos interessante citar os estudos de Trinchão e Reis (1998, p. 158), pois se harmonizam com os estudos da AD ao discutirem sobre registros gráficos: “são interpretáveis e não tem uma só versão”. Nesta acepção, entendemos o tabuleiro como um registro cultural, cujo projeto gráfico se inscreve em diferentes ideologias.

Althusser (1996, p. 129), ao refletir sobre ideologia, coloca que o sujeito adota práticas dos aparelhos ideológicos às quais está sujeitado, e que, por esta razão, ele se porta de modo a expressar o que acredita: “ele inscreve suas ideias nos atos de sua prática material”. Conforme o autor, as práticas são exercidas através da e na ideologia, pois os sujeitos são interpelados por ela. Refletimos sobre a tese de Althusser (1996), do sujeito interpelado pela ideologia, que é base da AD, no intento de analisar, em seguida, como o projeto gráfico do tabuleiro se mostra efeito desse atravessamento do ofício da baiana de acarajé por diferentes ideologias. Cabe citar Pêcheux (2014, p. 140) que diz: “a questão da *constituição do sentido* se junta à da *constituição do sujeito*”. É dizer, a constituição do sentido não se efetua sem o sujeito. Considerando o objeto de nosso estudo, o tabuleiro, não podemos pensá-lo na ausência da baiana de acarajé, posto que ele resulta da sua interpelação ideológica.

Na esfera social há forças ideológicas em conflito, haja vista que os sujeitos não são homogêneos e não se inscrevem numa mesma cadeia de sentidos. Para Pêcheux (2014, p. 135), “só há prática através de e sob *uma* ideologia”. Ou seja, o sujeito é sempre social, nunca individual e é formado em sua relação com a exterioridade. Esse sujeito, conforme diz, está sempre identificado ideologicamente. É este fato que lhe assegura ser sujeito.

O sujeito, atravessado por diferentes ideologias, materializa suas ideias no tabuleiro, provocando deslocamentos nos sentidos já-construídos. Nesta nuance, o tabuleiro se ressignifica, não só em seu projeto gráfico, mas, especialmente, em relação ao valor simbólico e cultural que lhe é atribuído. A ressignificação do tabuleiro é um modo de atender a processos de desidentificação dos sujeitos com a ideologia afro-brasileira, ou seja, os sujeitos não estão identificados com os sentidos elaborados por ela e passam a usar o tabuleiro de modo a mostrar sua identificação com as religiões evangélicas.

É fundamental abordarmos o conceito de polissemia, haja vista que há um processo de deslizamentos de significados no tocante ao tabuleiro. A polissemia relaciona-se ao movimento de sentidos num objeto e, para Orlandi (2005, p. 131), não pode ser pensado

sem considerar o silêncio, pois ele “é uma das instâncias em que se efetua o movimento: o sentido se faz movimento, a palavra segue seu curso, o sujeito cumpre os trajetos de seus processos de identificação, percorrendo diferentes fronteiras do sentido”. Refletir no projeto gráfico dos tabuleiros de evangélicos é pensar no sujeito seguindo seu curso, transformando a si, transformando suas produções e fazendo significá-las de outros modos. Orlandi (idem) diz que “o silêncio funciona assim como pontos de fuga em que os sentidos desdobram-se”, ou seja, esses pontos de fuga são os pontos simbólicos em que o deslize de significações se faz possível, é quando o sentido pode mudar de direção e passar a ser outro. Para a autora a “fuga de sentidos” é um processo complexo, de ordem polissêmica, resultante das tensões entre os sujeitos. A fuga para Orlandi (2005) conecta-se à incompletude da língua e dos sujeitos, está associada ao que foi silenciado e deslocado.

Sobre o silêncio é preciso dizer que ele se situa entre duas fronteiras, conforme Orlandi (2005, p. 130): “entre o dito e o não-dito, entre o dito e a exterioridade que o determina”. Ou seja, o silêncio se move entre o dito e o que é possível dizer. “Os sentidos silenciados migram para outros objetos simbólicos”, de acordo com Orlandi (idem). Esse processo de silenciamento e de migração é notado nos tabuleiros analisados neste estudo. A venda de acarajé por evangélicos é uma forma simbólica de silenciar práticas afro-brasileiras – os evangélicos criam outro objeto para substituir o tabuleiro como modo de fazer os sentidos migrarem para outra direção. Para entendermos melhor esse silenciamento é interessante apontar que, para Indursky (1998, p. 13), o sujeito, ao filiar-se a uma dada FD, “se reconhece e identifica o que pode ou não pode dizer”.

O tabuleiro será pensado neste estudo como materialização de ideologias em disputa. Centraremos nossa análise em interpretá-lo, a fim de discutir os significados produzidos e como estão fortemente marcados pela incompletude e pela falta tão características da língua.

### **3 O tabuleiro em sua filiação à memória afro-brasileira**

A figura 01 mostra o tabuleiro exposto no acervo do Museu do Memorial da Baiana, situado na cidade de Salvador-Bahia, onde a prática de venda de acarajé tradicionalmente se inscreve em saberes e fazeres afro-brasileiros. Esse acervo exhibe objetos que identificam o ofício da baiana de acarajé: as iguarias, o tabuleiro e a indumentária da baiana. No acervo também há fotografias das ganhadeiras, realizando seus ofícios com seus instrumentos de trabalho, como gamelas e cestos.



**Figura 01:** Tabuleiro e escultura do *Museu do Memorial da Baiana*.  
Fonte: Fotografia de nossa autoria.

O Memorial expõe o tabuleiro e a escultura da baiana com as características que permeiam o imaginário popular, como exibe a figura 01. O tabuleiro é feito em madeira, com gamelas de barro que comportam as iguarias típicas – o acarajé, o abará e o bolinho de estudante – e a escultura da baiana está vestida com a indumentária tradicional – bata, saia, pano-da-costa, turbante e colares. Considerando estes aspectos estéticos, podemos colocar que no Memorial a representação do ofício, que surgiu como uma expressão afro-brasileira, é representado em suas características mais tradicionais, em seus sentidos estabilizados, como uma prática material que aponta para uma resistência ideológica que intenta manter sua hegemonia.

Para entendermos melhor como o ofício da baiana se inscreve na ideologia afro-brasileira, faz-se necessário apontar como a indumentária e as iguarias atuam como formas de identificação. Tomamos Raul Lody (2005, p. 22) como referência, pois, segundo ele, a baiana se conecta com essa identidade através desses elementos e das iguarias: “a roupa da baiana une-se à comida, pois o tipo também está no tabuleiro. Fala com o povo pela boca, pelo gosto, pelas receitas de azeite, de pimenta, de açúcar, pois se pode também olhar o tabuleiro enquanto um espaço de arte, uma instalação”. Para esse autor, as comidas do tabuleiro são expressões artísticas devido a sua importância antropológica, ou seja, a arte afro-brasileira se elabora em sua dimensão cultural, enquanto expressão de identidade. Esse autor, ao falar sobre o belo, diz:

“o belo afro nasce do costume, identidade, diferencia e se singulariza em contextos de sociedades globalizadas. Assim, o belo é o alcance da memória e é a gênese dessa estética autenticadora de nossa tão evidente afro-descendência de povo e civilização – o penteado, a jóia, o pano, o corpo, o gosto, o cheiro” (*Ibidem*).

O caráter artístico atribuído à roupa da baiana e aos quitutes, parece-nos também expandir-se ao tabuleiro, haja vista que é parte deste cenário de interpelação ideológica.

Para Raul Lody (2005, p.22) “a estética assume papéis de resistência, de manutenção de identidade, de criações de outras identidades não exclusivamente africanas, mas afro-descendentes”. Entendemos essa estética como um trabalho da ideologia, cuja função é direcionar os sentidos. Se a estética atua como afirmação de identidade, isto aponta para a força da ideologia aí presente – os objetos artísticos são elaborados de modo a expressar sua identificação, sua filiação ao afro-brasileiro.

É interessante apontarmos para os estudos de Kress e Van Leeuwen (1996, p.44) sobre gramática visual, que tentam analisar as relações entre os elementos que fazem parte do texto visual. Esses autores apontam que a análise de imagens é realizada, considerando-se as teorias chamadas de metafunções. São elas: metafunção representacional, aquela que caracteriza objetos de maneira abstrata ou real, a metafunção interacional, que indica a interação entre o objeto contemplado e aquele que contempla, e a metafunção composicional, que denota associação entre elemento que formam uma imagem. A análise que segue considera a metafunção representacional, aquela que caracteriza os participantes (tabuleiro, toalha de renda, panelas, comidas) descritos em uma imagem, posto que se aplica de maneira mais adequada às figuras em estudo.

Para Hollis (2002, p.04) “a principal função do design gráfico é **identificar**: dizer o que é determinada coisa”. Existem elementos que atribuem sentidos ao tabuleiro, as comidas, em específico, as panelas e a expressão de religiosidade construída a partir de saberes, fazeres e elementos outros, como frases, que analisaremos a seguir.

As figuras estudadas neste texto mostram como o tabuleiro aponta para sentidos já-construídos e determinados na cultura afro-brasileira e seus deslocamentos, assinalando que os sujeitos envolvidos com a venda de acarajé podem ser capturados por diversas ideologias e que essas podem exercer influência determinante no processo de mudança no aspecto visual-gráfico do tabuleiro de acarajé.

#### **4 O tabuleiro entre a estabilização e a fuga de sentidos**

O tabuleiro é, historicamente, partícipe de um ofício que traduz saberes afro-brasileiros e que vem se inscrevendo em FD de ordem evangélica. Nesta acepção, podemos dizer que ele atua como objeto atravessado por diferentes posições ideológicas e, como tal, se coloca como elemento determinado pelas suas condições de produção.

Reconhecido tradicionalmente por sua inscrição numa perspectiva ideológica afro-brasileira, o tabuleiro vem sendo palco de tensões, haja vista que passou a ser um espaço de disputa religiosa. Nesta lógica, os sentidos que estavam aparentemente evidentes e estáveis passaram para um estado de deriva. Indursky (1998, p.12) diz que o “sentido não é transparente, não é prévio e pode ser outro, no intervalo entre um interlocutor e outro, ou, se preferirmos, entre sujeitos de discursos diferentes”. Analisando as figuras que seguem, é possível ver o tabuleiro como resultado desse “intervalo”, desse hiato entre sujeitos e sentidos, que será melhor entendido com a análise de aspectos gráficos das figuras 02 e 03.

A figura 02 mostra um tabuleiro de madeira, em formato retangular, coberto com toalha de renda branca, que faz referência à mitologia africana, que dispõe das bandejas, em formato retangular e oval, que comportam as comidas típicas (acarajé, abará, cocada, bolinho de estudante e passarinha) e as panelas em que são colocados os “recheios” do acarajé e do abará (o caruru, vatapá, camarão, salada e pimenta).

Hollis (2002, p. 01), em seus estudos sobre comunicação visual, afirma que as letras, as linhas de um desenho e os pontos de uma fotografia são elementos que constroem as representações gráficas. Conforme ele diz, “o design gráfico é a arte de criar ou escolher



tais marcas, combinando-as numa superfície qualquer para transmitir uma idéia” (*Ibidem*). No tabuleiro, os utensílios de cozinha, as formas geométricas das comidas, a cor da toalha são marcas gráficas que elaboram sentidos.

**Figura 02:** Baiana na cidade de Salvador  
Fonte: acervo dos autores

Os elementos gráficos apontam aspecto do religioso na figura 03, através da cor da toalha de renda, da roupa da baiana, pois são elementos que afirmam uma relação de

pertença. O tabuleiro é projetado graficamente como um objeto simbólico, afirmando ser uma projeção de saberes e fazeres de mulheres ligadas à cultura afro-brasileira.

Em meio aos conflitos ideológicos que caracterizam as relações sociais entre evangélicos e adeptos de religiões afro-brasileiras, o tabuleiro é um projeto gráfico constituído como o lugar desses enfrentamentos, são sob essas condições de disputa que ele se inscreve. Essas relações antagônicas ressignificam o tabuleiro e tentam deslegitimá-lo em sua filiação à ideologia afro-brasileira. As baianas evangélicas redesenham o tabuleiro, assinalando que a estabilização das significações é ilusória, em conformidade com estudos da AD.

A variação da configuração gráfica do tabuleiro é um efeito dessa instabilidade – as suas variações atendem à dinamicidade das relações sociais, dizendo de outro modo, a relação das baianas com o tabuleiro nem sempre afirma sua relação com rituais afro-brasileiros, o que colabora para que o seu projeto gráfico passe por variações. O desenho do tabuleiro foi alterado, porque o contexto religioso das baianas foi modificado, através de uma nova leitura da realidade. Assim, concordamos com (GOMES, 1996, p. 26), quando assevera que “o desenho é uma das formas de exploração e interpretação do mundo [...]”.

Em nossa breve análise interessa apontar, com base nas figuras 02 e 03, a metafunção representacional, aquela que descreve os participantes (tabuleiro, toalha de renda, panelas, comidas) descritos em uma imagem. A metafunção representacional

conceitual (ALMEIDA, 2008), considera os participantes como representantes de categorias. As figuras 02 e 03 representam o tabuleiro em duas categorias: o tabuleiro de matriz afro-brasileira e o evangélico. E o que determina que um tabuleiro seja identificado como integrante de uma classificação ou outra é a combinação de seus aspectos gráficos, como, por exemplo, seu modelo, o uso da toalha de renda e as frases colocadas. Deste modo, podemos, através de conceitos da gramática visual, dizer que a classificação dos tabuleiros implica em categorizar dois tipos de sujeitos: a baiana de identidade afro-brasileira e a evangélica.



**Figura 03:** Tabuleiro com estrutura em ferro e aço inox, na cidade de Feira de Santana.

Fonte: acervo dos autores.

As baianas evangélicas reivindicam o lugar da ideologia afro-brasileira, da sua autoridade, à proporção que alguns tabuleiros exibem frases que remetem a religiões evangélicas e que não fazem uso da indumentária tradicional, apontando sua não identificação com os preceitos do afro-brasileiros. Posto que os sujeitos estão filiados aos sentidos, o tabuleiro como expressão desses sujeitos é palco da pulsão das ressignificações gráficas provocadas por evangélicos que, ao apropriar-se de um saber e um fazer afro-brasileiro, negam e pleiteiam seu lugar, como exibe a figura 03.

Os rituais praticados no tabuleiro, inclusive religiosos, passam por um processo de apagamento, haja vista que não são realizados por evangélicos. Referimos-nos aos rituais como a fritura de sete acarajés pequenos e o uso da toalha branca sobre o tabuleiro, ambos para reverenciar os orixás, apontar as subjetividades do ofício e sua relevância étnica. Essas rupturas apontam para uma reinterpretação dos fazeres que também se constroem através de aspectos gráficos, nesse cenário de disputa.

Como mostra Pollak (1992, p.06): “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”. Gostaríamos de nos deter um pouco mais a este ponto, a partir dessa citação, pois nos parece fundamental neste debate para pensarmos sobre o efeito da ideologia sobre o tabuleiro de acarajé como lugar, segundo Santos (2009, p.84), de “uma espécie de “guerra santa” na Bahia, uma batalha entre o ‘acarajé de Cristo’ e o ‘acarajé de santo’”. Há, então, duas forças ideológicas em disputa: uma que pretende permanecer hegemônica e outra que quer desconstruir essa hegemonia, ou seja, uma que intenta guardar os saberes e os fazeres afro-brasileiros e outra que empenha-se em romper com esta ancestralidade. Evidentemente o tabuleiro continua sendo espaço religioso e suporte de acarajé – ainda que passe a ter outro projeto gráfico e que as práticas ritualísticas não sejam realizadas – no entanto, não é possível olhar com ingenuidade para o silenciamento de subjetividades, dado que elas também compõem o tabuleiro e apontam para heranças materiais e imateriais, cujos valores são ancestrais. Essa “guerra santa” direciona nossa interpretação para duas memórias: uma que remete ao ofício da baiana como forma de resistência étnica e outra que direciona ao enfrentamento dessa resistência por parte de evangélicos. Desenvolvendo esse raciocínio, colocamos que a produção de sentidos se direciona, no primeiro caso, para mostrar o tabuleiro em sua relação com ancestralidade, como resistência negra que entendem o ofício como um fazer afro-brasileiro, como uma identidade cultural e, no segundo caso, vemos o tabuleiro como um elemento de embate

entre duas ideologias contrárias, como espaço de elaboração de paradoxos que pretende apresentar o tabuleiro com outra identidade política: a evangélica.

Nesse jogo elaborado por elementos visuais, a disputa se materializa através do tabuleiro, é nele que os sujeitos se inscrevem, pois, com base em Althusser (1996, p. 130): “as ideias’ de um sujeito humano existem ou devem existir em seus atos”. Entendemos, ao dialogar com esse autor, que o tabuleiro se faz o lugar dessa inscrição. Na palestra intitulada “Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio”<sup>3</sup>, Orlandi diz que sentidos em fuga são aqueles a não dizer, são os silenciados. Considerando que para esta autora o silêncio é fundante de todo enunciado, ele permite o sentido passar a ser outro e indica que ao falar uma coisa, deixamos de dizer outras. Pensamos no tabuleiro exibido na figura 03 como um enunciado que é constituído por esse silêncio – inclusive, constitutivo da linguagem – pois mostra o deslocamento dos sentidos ao exibir a frase “Jesus reina”. Isto sinaliza a deriva de sentidos e uma tentativa de silenciamento de práticas afro-brasileiras.

As figuras analisadas apontam que o sentido deslizou e passou a ser outro, mostrando que não há estabilidade semântica, nem gráfica, fruto de influências ideológicas. Os sujeitos, capturados por diferentes ideologias, não se comprometem em guardar as memórias que representam ideologias nas quais não estão inscritos, mas em criar diversas formas de significar direcionando para tensões, posto que apontam para o apagamento da relação do tabuleiro com práticas culturais afro-brasileiras.

Faz-se imprescindível avaliar o tabuleiro em suas condições de produção, em sua relação com exterioridade, segundo “à conjuntura histórico-social em que foi produzido, ao lugar social em que seu sujeito está inscrito e à rede de formulações já existentes” (INDURSKY, 1998, p. 12). Então, podemos colocar que o tabuleiro evangélico se estabelece em sua relação com o pré-construído, em sua rede de memória, proporcionando tensões ao movimentar os sentidos.

## **Breves considerações finais**

Nosso estudo sobre o tabuleiro como projeto visual que denota enfrentamentos ideológicos não se encerra neste texto, pois os sentidos não se esgotam, ao contrário, são dinâmicos e pulsantes em meio aos conflitos sociais, vibram junto com as experiências vividas socialmente. Coube-nos, neste debate, analisar como o tabuleiro se inscreve em diferentes

---

<sup>3</sup> A palestra de Eni Orlandi está disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=u0Y2KGVkm9U>

posicionamentos ideológicos e assume identidades gráficas e políticas paradoxais, o que promove o deslizamento dos sentidos.

Assinalamos, nesta breve reflexão, os deslizamentos de sentidos observados nas imagens exibidas e dialogamos com os conceitos relacionados à linguagem visual, a estudos sobre memória e identidade e análise de discurso, no intento de termos suporte teórico para analisar o tabuleiro de acarajé como uma prática ideológica.

Foi possível observar as transformações ideológicas refletidas nas mudanças de configuração do tabuleiro, ou seja, chegamos à constatação de que o desenho reproduz o pensamento reinante, neste caso, na esfera da diversidade religiosa. E mais do que reproduzir, o desenho, o aspecto gráfico do tabuleiro, promoveu uma alteração na visão, pois o tabuleiro passou a ser considerado espaço 'sacralizado' acolhido pela visão cristã de algumas baianas que, deste modo, ressignificaram seu instrumento de uso diário de subsistência.

É impossível saber a proporção desse enfrentamento ideológico, pois não há possibilidade de controlar os sentidos, de saber para onde eles irão, quais outras disputas poderão ser colocadas em jogo. No entanto, analisando as imagens e relacionando-as com os pressupostos teóricos já citados, nosso trabalho, que se coloca como uma interpretação sobre o tema, analisou a inscrição do tabuleiro em lugares ideológicos paradoxais e as diferentes configurações gráficas elaboradas a partir destes lugares, debatendo a produção de sentidos e as tensões que se instauram nesse embate.

## Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEC, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

FERNANDES, José David Campos; ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Revisitando a gramática visual nos cartazes de guerra. In: **Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog**. ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de (Org.). João Pessoa: Editora da UFPB, 2008. p. 11-30.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhismo**. Santa Maria: Ed. da Universidade Federal de Santa maria, 1996.

HOLLIS, Richard. **Design gráfico: Uma história concisa**. Tradução Carlos Daudt. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Roudedge, 1996.

INDURSKY, Freda. A Análise do Discurso e sua inserção no campo das ciências da linguagem. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.20, 7-21, 1998.

LODY, Raul. Por uma história da arte afro-descendente. In: SEMINÁRIO ARTE E ETNIA AFRO-BRASILEIRA, 7. 2004. **Série de encontros e estudos 7**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2005. p. 17-23.

OLIVEIRA, Lysie Reis; TRINCHÃO, Gláucia Maria. A história contada a partir do desenho. In: Simpósio nacional de geometria descritiva e desenho técnico, 13, 1998. Congresso internacional de engenharia gráfica nas artes e no desenho. **Anais do Gráfica 98**, Feira de Santana, 1998. p. 156-164.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios de procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de ORLANDI, Eni. Campinas: Editora UNICAMP, 2014.

POLLAK, Michael. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

PORTUGAL, Roberta Rosa. **O tabuleiro de acarajé: Registro e memória visual na cidade de Feira de Santana**. 2011. 148 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade) – Universidade Estadual Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.

SANTOS, Ligia Amparo da Silva. Acarajé, dendê, modernidade e tradição no contexto soteropolitano. In: RAUL, Lody (org.). **Dendê. Símbolo e sabor da Bahia**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2009.